ESP n = 484, 26-2-66

DIDÁTICA LÍNGUA PORTUGUÊSA

Celso Cunha - UMA POLÍTICA DO IDIOMA. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964, 62 pp.

Na ocasião em que Osman Lins, através de uma série de artigos publicados neste mesmo local, ataca o mau gôsto e o espírito rotineiro dos autores de nossas antologias escolares, torna-se extremamente proveitoso reler "Uma Política do Idioma", de Celso Cunha, nome que se impôs no domínio da Filologia Portuguêsa por diversos trabalhos de alto nível, entre os quais os "Estudos de Poética Trovadoresca". O A. aponta aqui com lucidez os principais vícios que têm marcado o ensino da língua pátria, ao mesmo tempo em que traça novos rumos para a pesquisa e sugere os remédios mais adequados à solução do problema.

Entre os vícios, lembra inicialmente o apêgo excessivo a regras gramaticais mal formuladas porque distanciadas de nossa realidade lingüística. Sabemos que a norma do bem falar deve fundamentar-se no que é consagrado pela camada culta; nossos gramáticos, todavia, presos a uma tradição lusitanizante de longa data e desdenhosos de quase tudo quanto se escreveu após 22, insistem em defender padrões ultrapassados, e com isto se dá o caso de a própria camada culta infringir aquelas "regras", o que não deixa de ser bastante sintomático (pp. 13 e 36).

Mais de um estudioso tem assinalado êsse distanciamento entre a norma gramatical e a língua viva: recordemos Herbert P. Fortes, quando fala no sentido brasileiro dos "erros" de Português, e Antonio Houaiss, que afirmava, num livro quase homônimo do que resenhamos: "A realidade nua e crua é que () não sabemos efetivamente o que é e como é a língua portuguêsa, sobretudo no Brasil, e assistimos estarrecidos ao divórcio crescente entre a disciplina gramatical canônica e a criação literária viva" ("Sugestões para uma Política do Idioma", RJ, INL, 1960, p. 48). Por tudo isto acreditamos que êstes dois autores deveriam ter sido citados por Celso Cunha.

Condena-se a mania do purismo, conquanto mania já hoje bastante atenuada; a propósito disto, estende-se o A. em considerações teóricas sôbre o casticismo lingüístico, concluindo com Ortega y Gasset que "escrever bem consiste em fazer contìnuamente pequenas erosões na gramática" (p. 22).

Uma forma de renovação dos estudos da língua portuguêsa

estará na investigação da língua viva atual, tal como é empregada pelo povo. Sòmente a Geografia Lingüística, que conduz à elaboração dos Atlas Lingüísticos, nos poderá dar uma idéia da língua que usamos em nossas relações diárias, e com isto certamente poderemos conhecer em profundidade maior a língua do Brasil.

Também se faz necessária a edição judiciosa de textos fundamentais para o conhecimento da língua, e ninguém melhor que C.Cunha para recomendá-lo (recordem-se suas edições do s Cancioneiros de Paay Gómez Charinho, Joan Zorro e Martin Codax).

Os resultados dessas pesquisas associados a uma nova mentalidade poderão, segundo o A., renovar o ensino da língua pátria, bastando banir-se a gramatiquice ("o maior grave, no entanto, o que está a matar o estudo do idioma em nossas escolas, principalmente nas primárias e médias, é que todo o ensino se faz na base do certo e do errado, do que é e do que não é vernáculo" - p. 19), esforçando-se os mestres por conceder aos textos da moderna literatura brasileira o papel que lhes compete: "a língua de nossos dias reflete a civilização atual (). Impossível ao estudioso do idioma manter a quimera do purismo lingüístico, querer forçar a jovens que pertencem aos mais diversos grupos sociais, um padrão idiomático dissociado da vida, mosaico de formas e construções de épocas várias, encanecidas ou mortas pelo tempo" (p. 25).

A estas palavras, que são também um apêlo, seja-nos permitido lembrar a necessidade e a urgência da correta utilização dos textos através do método conhecido por "explicação de textos", técnica que demanda gerações de analistas para ser aperfeiçoada, e que até aqui não foi tentada de modo sistemático pelos professôres brasileiros da língua portuguêsa.

|ATC|

Ataliba T. de Castilho

Ataliba T. de Castilho